

OS EMBATES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Daniela de Souza Moura ¹

Adriany da Costa Ferreira ²

Jullye Gabrielle Cesar da Silva ³

Samilly Eloise Silva do Rosário Cavalcante ⁴

RESUMO

A escola é um ambiente de construção da identidade dos alunos, pois é um cenário que permeia vivências significativas para promover a formação do conhecimento de qualidade. Porém, observa-se carências em aprofundar questões sobre gênero e sexualidade no âmbito educacional. Visto isso, é imprescindível que o tema alcance embates dentro das escolas em relação as evidências de se promover o conhecimento pleno do aluno sobre o assunto. Logo, este trabalho trata-se de um estudo capaz de promover questionamentos sobre as dificuldades de discussões atrelado a temática: gênero e sexualidade no ensino; além de ressaltar os desafios de discutir este objeto. A fundamentação teórica foi realizada em artigos e revistas científicas disponíveis on-line, como base para promover a junção de dados sobre gênero, sexualidade e educação no contexto de ensino. Ademais, segundo Alexandre (2024), entender sobre gênero e sexualidade implica ampliar as perspectivas para além da escola e família, sendo necessário que os debates sobre o tema sejam aprimorados no contexto educacional, capaz de proporcionar ao aluno o acesso de qualidade. Mediante disto, os professores devem possibilitar através do contexto histórico sobre a construção de gênero e sexualidade de forma eficaz. Em contrapartida, a escola deve ressaltar as questões de gênero e sexualidade, pois é de suma relevância para o desenvolvimento da diversidade social e para que haja respeito e alteridade no espaço escolar, ou seja, é necessário meios para alcançar o reconhecimento da importância de transpassar aos alunos a valorização da identidade do outro.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação, Identidade.

INTRODUÇÃO

A abordagem das temáticas de gênero e sexualidade no ambiente educacional ainda apresenta lacunas significativas, decorrentes da escassez de informações e da falta de apropriação, por parte dos professores, sobre o assunto. Essa limitação resulta na ausência de estratégias pedagógicas eficazes, o que compromete o diálogo e a construção de conhecimentos adequados junto aos estudantes. Como consequência, os alunos ficam

¹ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - PA, danielamouraped@gmail.com;

² Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - PA, adriany.ferreira@iced.ufpa.br;

³ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Estadual - PA, jullye.silva@iced.ufpa.br;

⁴ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - PA, sally.caalcante29@gmail.com;



expostos a riscos que poderiam ser prevenidos por meio de uma educação sexual abrangente, crítica e bem estruturada.

A educação sexual desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando-lhes compreensão sobre seus corpos, prevenindo situações de violência, gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Além disso, promove o respeito à diversidade e contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa.

A colaboração entre família e escola é essencial nesse processo. Ambas as instituições devem atuar de forma complementar, estabelecendo um diálogo aberto e contínuo. A família, como primeiro espaço de socialização, transmite valores e crenças, enquanto a escola tem a responsabilidade de fornecer informações científicas e promover reflexões críticas. Essa parceria é fundamental para desconstruir estigmas e preconceitos relacionados à sexualidade e ao gênero.

Entretanto, a falta de preparo de muitos educadores para abordar essas questões, aliada à resistência de algumas famílias, dificulta a implementação efetiva de programas de educação sexual. É necessário investir na formação continuada dos professores, capacitando-os para lidar com as demandas dos alunos e para mediar discussões sensíveis de maneira respeitosa e informada.

A ausência de debates estruturados sobre gênero e sexualidade nas escolas leva os estudantes a buscarem informações em fontes não confiáveis, como colegas ou internet, o que pode resultar na propagação de mitos e desinformações. Portanto, é imperativo que as instituições educacionais incluam essas temáticas em seus projetos político-pedagógicos, promovendo espaços seguros para o diálogo e a aprendizagem.

Ao pensar nesta perspectiva, artigo tem como objetivo destacar a importância de integrar as discussões sobre gênero e sexualidade no contexto educacional, evidenciando os desafios enfrentados e propondo estratégias para superá-los. Ao fomentar uma educação inclusiva e respeitosa, contribuímos para a formação de indivíduos conscientes, críticos e preparados para viver em uma sociedade diversa e plural.

METODOLOGIA



A presente pesquisa fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, desenvolvida a partir da análise de artigos e periódicos científicos disponíveis on-line, sobretudo por meio da plataforma Google Acadêmico. Essa escolha metodológica buscou reunir e sistematizar dados acerca das discussões sobre gênero, sexualidade e educação no contexto escolar, com o objetivo de fomentar reflexões relevantes sobre como tais temáticas vêm sendo trabalhadas no âmbito educacional. As investigações realizadas priorizaram produções que problematizam os embates e desafios em torno da inserção das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, bem como as contribuições de autores que discutem a importância da inclusão dessas temáticas nas práticas pedagógicas.

Além da pesquisa em bases digitais, também foi realizada uma análise documental dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa análise teve como finalidade verificar de que forma tais documentos oficiais abordam as questões de gênero e sexualidade, e em que medida suas orientações podem subsidiar a prática docente. Dessa maneira, a metodologia adotada possibilita compreender tanto a produção acadêmica que sustenta a discussão quanto as orientações normativas que direcionam a prática pedagógica, favorecendo a elaboração de reflexões críticas acerca da formação de professores e da inserção de práticas inclusivas no espaço escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gênero e sexualidade estão presentes em todos os ambientes escolares, pois consistem em relações estruturais que se manifestam na rotina de estudantes e professores. Segundo Alexandre (2024), é possível observar a divisão de meninos e meninas em filas, a separação por gênero nas atividades de Educação Física e até no acesso aos brinquedos, já que a escola se mostra determinada a educar as crianças a partir de uma ótica específica. O autor destaca ainda que esses processos educativos acabam por reforçar estereótipos de gênero e por estabelecer formas esperadas de ser homem ou mulher.

Observa-se também que, ao analisarem seus corpos, as crianças tendem a despertar curiosidades sobre as diferenças entre os órgãos genitais, o que gera desafios quanto à forma de responder a esses questionamentos no contexto educacional. Nesse

sentido, é fundamental ressaltar que as perguntas devem ser respeitadas e respondidas por meio de diálogos claros e objetivos. Silva (2022) prediz que a maioria dos professores não teve nenhuma orientação para trabalhar com gênero e sexualidade no percurso de sua formação profissional.

De acordo com Assis (2021), a sexualidade ainda é considerada um tabu, já que a temática enfrenta dificuldades para ser debatida e para sanar as dúvidas dos estudantes. Isso acaba por gerar sujeitos confusos ou excluídos, especialmente aqueles que não se enquadram nos padrões cultural e socialmente estabelecidos e perpetuados, tanto na escola quanto na sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam a temática da sexualidade como um assunto transversal, que deve permear todas as áreas do conhecimento. O eixo central é a orientação sexual, trabalhada de forma ética, informativa e preventiva. Essa abordagem não se limita à dimensão biológica, mas envolve também aspectos sociais, afetivos e culturais. Além disso, destaca-se a importância do desenvolvimento do respeito e do combate aos estereótipos de gênero, compreendidos como problemáticas que influenciam o papel social. Os PCNs ressaltam, portanto, que tais papéis não são fixos ou naturais, mas construídos historicamente.

O Ministério da Educação (MEC) vem contribuindo com a temática da sexualidade nas escolas, com o objetivo de prevenir a gravidez na adolescência e as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), consequências muitas vezes relacionadas à falta de informação entre os jovens. Essas orientações foram incorporadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê, nos anos finais do Ensino Fundamental, o estudo da sexualidade humana, especialmente nas habilidades de Ciências destinadas ao oitavo ano (Brasil, 2017, p.346).

Ao analisar essa questão, observa-se que muitos professores encontram dificuldades em aplicar as orientações propostas pelos PCNs e BNCC nas escolas. Isso ocorre porque, ao tratar de gênero e sexualidade, há resistência inclusive por parte de familiares, que muitas vezes não aceitam que tais temas sejam abordados com as crianças. Contudo, percebe-se que estas são diariamente expostas a problemáticas relacionadas a gênero e sexualidade. Desde a Educação Infantil, por exemplo, as crianças já são rotuladas por meio de estereótipos, como o uso da cor rosa para meninas e azul para

meninos. Diante desse cenário, torna-se evidente que a temática deve ser trabalhada tanto com os familiares quanto com as crianças, uma vez que contribui não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para a formação de relações pautadas no respeito e na empatia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa realizada, verificou-se que ainda persistem diversas discussões sobre as questões relacionadas a gênero e sexualidade no ambiente escolar, conforme evidenciado pelos autores estudados. Essas questões não se referem apenas à forma como as crianças vivenciam e compreendem as diferenças de gênero, mas também aos desafios enfrentados pelos professores ao abordar tais temas em sala de aula. Apesar de serem reconhecidos como elementos centrais para a formação cidadã e para a construção de um ambiente escolar inclusivo, gênero e sexualidade continuam a ser tratados como tópicos sensíveis, muitas vezes abordados de maneira limitada ou até mesmo negligenciada nas práticas pedagógicas.

O quadro a seguir apresenta os resultados observados na pesquisa, juntamente com as discussões propostas pelos autores, destacando os impactos das questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar e apontando estratégias que possibilitem ao docente trabalhar de forma mais efetiva e consciente esses temas.

Quadro 01 – Resultados e discussões sobre gênero e sexualidade utilizando das discussões dos autores.

Resultados	discussões
Gênero e sexualidade estão presentes em todos os ambientes escolares, manifestando-se na rotina de estudantes e professores (Alexandre, 2024).	A divisão por gênero em filas, atividades de Educação Física e acesso a brinquedos reforça estereótipos e impõe formas esperadas de ser homem ou mulher
Crianças demonstram curiosidade sobre os corpos e diferenças sexuais e nota-se que a maioria dos professores não teve nenhuma orientação para	É necessário que educadores respondam a esses questionamentos com diálogos claros, objetivos e

trabalhar com gênero e sexualidade no percurso de sua formação profissional. (silva 2022)	respeitosos, evitando repressão ou omissão.
A sexualidade ainda é considerada tabu no contexto escolar (Assis, 2021).	A falta de debate gera dúvidas, exclusão e confusão, sobretudo entre aqueles que não se enquadram nos padrões sociais e culturais estabelecidos.
As problemáticas de gênero e sexualidade impactam diretamente no desenvolvimento infantil.	A discussão deve ser promovida como parte da formação cidadã, estimulando respeito, empatia e a construção de relações mais igualitárias.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Alexandre (2024), Assis (2021), silva 2022).

O quadro 2 apresenta os resultados e discussões sobre a abordagem de gênero e sexualidade nos documentos oficiais do Brasil, especificamente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997/1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Quadro 02- Resultados e discussões sobre gênero e sexualidade no PCNs e BNCC

Resultados	discussões
Os PCNs (1997/1998) apresentam a sexualidade como tema transversal, com eixo central na orientação sexual.	O documento propõe abordagem ética, informativa e preventiva, contemplando dimensões sociais, afetivas e culturais, e incentivando o combate aos estereótipos de gênero.
O MEC e a BNCC (2017) incluem a temática da sexualidade nos currículos, especialmente nas habilidades de Ciências do 8º ano.	A abordagem busca prevenir gravidez na adolescência e ISTs, além de promover informação qualificada aos estudantes.

Professores relatam dificuldades em aplicar PCNs e BNCC devido à resistência das famílias	Apesar da resistência, as crianças já vivenciam estereótipos de gênero desde a Educação Infantil (rosa para meninas, azul para meninos), evidenciando a necessidade de trabalhar a temática com famílias e estudantes.
O MEC e a BNCC (2017) incluem a temática da sexualidade nos currículos, especialmente nas habilidades de Ciências do 8º ano.	A abordagem busca prevenir gravidez na adolescência e ISTs, além de promover informação qualificada aos estudantes.
Professores relatam dificuldades em aplicar PCNs e BNCC devido à resistência das famílias	Apesar da resistência, as crianças já vivenciam estereótipos de gênero desde a Educação Infantil (rosa para meninas, azul para meninos), evidenciando a necessidade de trabalhar a temática com famílias e estudantes.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Brasil (1997; 2017).

Observa-se que os PCNs introduzem a sexualidade como tema transversal, com ênfase na orientação sexual, propondo uma abordagem ética, informativa e preventiva. Essa orientação abrange dimensões sociais, afetivas e culturais, além de incentivar o combate aos estereótipos de gênero, reconhecendo que os papéis sociais de meninos e meninas não são naturais, mas historicamente construídos.

No que se refere à BNCC, o documento incorpora a temática da sexualidade nos currículos, especialmente nas habilidades de Ciências do 8º ano, com o objetivo de fornecer informações qualificadas aos estudantes e prevenir situações como gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Apesar dessas diretrizes normativas, verifica-se, com base nas pesquisas, que os professores enfrentam dificuldades para aplicá-las, em grande parte devido à resistência de familiares em discutir questões de gênero e sexualidade com as crianças.

Além disso, o quadro evidencia que os estereótipos de gênero já se manifestam desde a Educação Infantil, por meio de práticas como a associação de cores rosa para meninas e azul para meninos. Essa realidade reforça a necessidade de que a temática seja trabalhada de forma integrada entre escola e família, promovendo discussões que

incentivem o respeito, a empatia e a valorização das diferenças. Dessa maneira, a escola não apenas cumpre sua função educativa conforme os documentos oficiais, mas também contribui para a formação cidadã, desconstruindo preconceitos e promovendo a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir gênero e sexualidade no contexto escolar, observa-se que a formação de professores e demais colaboradores ainda enfrenta diversas problemáticas, refletidas na dificuldade de elaborar estratégias eficazes para a promoção de uma educação de qualidade. Tal educação deve estar orientada para o reconhecimento das identidades das crianças, considerando que o ambiente escolar constitui um espaço fundamental de construção de experiências e vivências sociais. Para isso, a escola precisa dispor de aparato teórico, metodológico e pedagógico capaz de abordar as curiosidades e questionamentos das crianças acerca da temática, favorecendo um processo educativo crítico, inclusivo e transformador.

Nessa perspectiva, a instituição escolar deve se constituir como um espaço privilegiado de diálogo e de práticas inclusivas, comprometidas com o combate ao preconceito e à discriminação. É necessário incentivar valores como empatia, respeito e acolhimento às diferenças, de modo a promover um ambiente escolar mais justo e igualitário. Nesse processo, cabe ao docente integrar em suas práticas pedagógicas discussões sobre gênero e sexualidade de forma interdisciplinar, contemplando áreas como Ciências, História e Literatura. Essa abordagem contribui para a formação integral dos estudantes e auxilia na desconstrução de estereótipos que frequentemente limitam suas possibilidades de expressão e de vivência.

Além disso, é fundamental que as discussões sobre gênero e sexualidade respeitem o nível de desenvolvimento das crianças, oferecendo informações claras, acessíveis e adequadas à faixa etária. Tal postura favorece a valorização do corpo, a aceitação das diferenças e a construção de identidades fortalecidas pelo respeito à diversidade. Ressalta-se, ainda, a importância da participação das famílias em projetos e atividades, uma vez que é necessário esclarecer que a escola não tem como finalidade “ensinar a sexualizar”, mas, sim, promover informação qualificada, prevenção e respeito às diferenças humanas.



A esse respeito, Guacira Lopes Louro (2014) enfatiza que “é indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (p. 80-81). Essa perspectiva evidencia que o espaço escolar não é neutro, mas atravessado por relações de poder, onde se constroem discursos e práticas que legitimam determinadas formas de ser e marginalizam outras. Assim, ao mesmo tempo em que reforça normas sociais, a escola também possui a possibilidade de questioná-las e transformá-las.

Nesse sentido, cabe à instituição escolar oferecer aos alunos instrumentos de compreensão crítica sobre gênero e sexualidade, possibilitando reflexões que desconstruam preconceitos e ampliem o reconhecimento da diversidade. Para Louro, a escola pode e deve se constituir em um espaço de resistência à heteronormatividade, criando condições para que diferentes identidades e formas de expressão sejam reconhecidas, valorizadas e respeitadas. Dessa forma, a educação se configura como um processo emancipador, no qual os sujeitos aprendem não apenas conteúdos formais, mas também a conviver com a pluralidade, construindo novas formas de viver suas identidades de maneira ética e democrática.

Por fim, a promoção de debates no espaço escolar deve estar respaldada em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orientam a prática docente e legitimam a inserção da temática nos currículos. Ao utilizar esses referenciais como instrumentos pedagógicos, torna-se possível desconstruir estereótipos de gênero por meio de atividades que valorizem a liberdade de expressão e a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas. Assim, o tabu que ainda envolve a temática tende a ser gradativamente superado, permitindo que gênero e sexualidade sejam compreendidos como dimensões constitutivas da vida social e biológica, presentes na realidade escolar e fundamentais para a formação integral dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Bruno do Prado. Gênero, sexualidade e educação: desafios e perspectivas. *Anais do XXXII Seminário de Educação*, p. 459-467, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro1.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação fundamental – 1º e 2º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro3.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2025.

FRANCO-ASSIS, Greice Ayra; SOUZA, Ediane Eduão Ferreira de; BARBOSA, Adriana Gonçalves. Sexualidade na escola: desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. Brazilian Journal of Development. Curitiba, v. 7, n. 2, p. 13662- 13680, feb. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Luciane Olegario da; SCHWENDLER, Sônia Fátima. Gênero e sexualidade na escola do campo: desafios e possibilidades da prática docente. *Horizontes: Revista de Investigación en Ciencias de la Educación*, v. 9, n. 39, p. 2415-2430, jul. 2025.